

O sabiá no sertão
Quando canta me comove
Passa três meses cantando
E sem cantar passa nove
Porque tem a obrigação
De só cantar quando chove*

Chover chover
Valei-me Ciço o que posso fazer
Chover chover
Um terço pesado pra chuva descer
Chover chover
Até Maria deixou de moer
Chover chover
Banzo Batista, bagaço e banguê

Meu povo não vá simbora
Pela Itapemirim
Pois mesmo perto do fim
Nosso sertão tem melhora
O céu tá calado agora
Mais vai dar cada trovão
De escapulir torrão
De paredão de tapera**

Bombo trovejou
a chuva choveu

Choveu choveu
Lula Calixto virando Mateus
Choveu choveu
O bucho cheio de tudo que deu
Choveu choveu
suor e canseira depois que comeu
Choveu choveu
Zabumba zunindo no colo de Deus
Choveu choveu
Inácio e Romano meu verso e o teu
Choveu choveu
Água dos olhos que a seca bebeu

** João Paraíbano

Quando chove no sertão
O sol deita e a água rola
O sapo vomita espuma
Onde um boi pisa se atola
E a fartura esconde o saco
Que a fome pedia esmola**

Chover
(ou Invocação Para Um Dia Líquido)
Cordel Do Fogo Encantado

Seu boiadeiro por aqui choveu
Seu boiadeiro por aqui choveu
Choveu que amarrotou
Foi tanta água que meu boi nadou***

As casadas solteiras

Cena IX

Henriqueta e depois Jeremias

Henriqueta (só) - Vens muito alegre... Mal sabes tu o que te espera. Canta, canta, que logo chiarás! (*apaga a vela*) Ah, meu tratante!

Jeremias (*entrando*) - Que diabo! É noite fechada e ainda não acenderam velas! (*chamando*) Tomás, Tomás, traze luz! Não há nada como estar o homem solteiro, ou, se é casado, viver bem longe da mulher. (*enquanto fala, Henriqueta vem-se aproximando dele pouco a pouco*) Vivo como um lindo amor! Ora, já não posso aturar a minha cara-metade... O que me vale é estar ela há mais de duzentas léguas de mim. (*Henriqueta, que a este tempo está junto dele, agarra-lhe pela gola da casaca. Jeremias, assustando-se*) Quem é? (*Henriqueta dá-lhe uma bofetada e o deixa. Jeremias, gritando*) Ai, tragam luzes! São ladrões! (*aqui entra o criado com luzes*)

Henriqueta - É outra girândola, patife!

Jeremias - Minha mulher!

Henriqueta - Pensavas que te não havia de encontrar?

Jeremias - Mulher do diabo!

Henriqueta - Agora não te perderei de vista um só instante.

Jeremias (*para o criado*) - Vai-te embora. (*o criado sai*)

Henriqueta - Ah, não queres testemunhas?

Jeremias - Não, porque quero te matar!

Henriqueta - Ah, ah, ah! Disso me rio eu.

Jeremias (*furioso*) - Ah, tens vontade de rir? Melhor; a morte será alegre. (*tomando-a pelo braço*) Tu és uma peste, e a peste se cura; és um demônio, e os demônios se exorcizam; és uma víbora, e as víboras se matam!

Henriqueta - E aos desavergonhados se ensinam! (*levanta a mão para dar-lhe uma bofetada, e ele, deixando-a, recua*) Ah, foges?

Jeremias - Fujo sim, porque da peste, dos demônios, e das víboras se foge... Não quero mais te ver! (*fecha os olhos*)

Henriqueta - Hás de ver-me e ouvir-me!

Jeremias - Não quero mais te ouvir! (*tapa os ouvidos com a mão*)

Henriqueta (*tomando-o pelo braço*) - Pois hás de me sentir!

Jeremias (*saltando*) - Arreda!

Henriqueta - Agora não me arredarei mais do pé de ti, até o dia do Juízo...

Jeremias - Pois agora também faço eu protesto solene a todas as nações, declaração formalíssima à face do universo inteiro, que hei de fugir de ti como o diabo foge da cruz; que hei de evitar-te como o devedor ao credor; que hei de odiar-te como as oposições odeiam as maiorias.

Henriqueta - E eu declaro que te hei de seguir como a sombra segue o corpo...

Jeremias (*com exclamação*) - Meu Deus, quem me livrará deste diabo encarnado?

Criado (*entrando*) - Uma carta da Corte para o Sr. Jeremias.

Jeremias - Dá cá. (*o criado entrega a carta e sai. Jeremias, para Henriqueta*) Não ter eu a fortuna, peste, que esta carta fosse a de convite para teu enterro...

Henriqueta - Não terá esse gostinho. Pode ler, não faça cerimônia.

Jeremias - Não preciso da sua permissão. (*abre a carta e a lê em silêncio*) Estou perdido! (*deixa cair a carta no chão*)
Desgraçado de mim! (*vai cair sentado na cadeira*)

Henriqueta - O que é?

Jeremias - Que infelicidade, ai!

Henriqueta - Jeremias!

Jeremias - Arruinado! Perdido!

Henriqueta (*corre e apanha a carta e a lê*) - “Sr. Jeremias, muito sinto dar-lhe tão desagradável notícia.

O negociante a quem o senhor emprestou o resto de sua fortuna acaba de falir. Os credores não puderam haver nem 2 por cento do rateio. Tenha resignação...” — Que desgraça! Pobre Jeremias!
(*chegando-se para ele*) Tende coragem.

Jeremias (*chorando*) - Ter coragem! É bem fácil de dizer-se...
Pobre, miserável... Ah! (*levantando-se*) Henriqueta, tu que sempre me amaste, não me abandones agora... Mas não, tu me abandonarás; eu estou pobre...

Henriqueta - Injusto que tu és. Acaso amava eu o teu dinheiro, ou a ti?

Jeremias - Minha boa Henriqueta, minha querida mulher, agora que tudo perdi, só tu és o meu tesouro; só tu serás a consolação do pobre Jeremias.

Henriqueta - Abençoada seja a desgraça que me faz recobrar o teu amor! Trabalharemos para viver, e a vida junto de ti será para mim um paraíso...

Jeremias - Oh, nunca mais te deixarei!

(Martins Pena, *Comédias* (1844-1845). As casadas solteiras: comédia em 3 atos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.)

Dona Flor e seus dois maridos

Sempre fora considerada e se considerara dona Flor boa dona de casa, ordeira e pontual, cuidadosa. Boa dona de casa e boa diretora de sua Escola de Culinária, onde acumulava todos os cargos, contando apenas com a ajuda da empregada broca e esmorecida e a assistência amiga da pequena Marilda, curiosa de pratos e temperos. Nunca lhe ocorrera reclamação de aluna, incidente a toldar o sossego das aulas. A não ser, é claro, os acontecidos quando do primeiro esposo pois o finado, como se está farto de saber, não era de ter consideração por horário, por trabalho alheio ou por melindres de alfenim; seus deboches com alunas por mais de uma vez criaram dificuldades e problemas para dona Flor, dores de cabeça, quando não enfeites de duro corno.

Ah! Em verdade, ela, dona Flor, não possuía noção de regra e método, andava longe de ter ordem em casa e na Escola e, em sua existência, medida e pauta, como devera! Foi-lhe necessário viver com doutor Teodoro para dar-se conta de como sua ordem era anarquia, seus cuidados tacanhos e insuficientes, de como ia tudo mais ou menos ao deus-dará, a la vontê, sem lei e sem controle. Não decretou doutor Teodoro lei e controle de imediato e com severidade; nem sequer falou em tal. Sendo homem tranquilo e suspicaz, de educação cutuba, nada sabia impor e não impunha; no entanto tudo obtinha sem estardalhaço, sem que os demais se sentissem violentados; um fode-mansinho o nosso caro farmacêutico.

Era preciso ver-se a casa um mês e meio depois da lua-de-mel, que diferença! Também dona Flor fazia diferença, buscando adaptar-se a seu marido, seu senhor, caber justa e certa em sua medida exata. Se nela a mudança era por dentro, mais sutil, menos visível, na casa fizera-se evidente, bastava olhar.

Nos dois fragmentos de texto citados, em que se colocam aspectos da relação entre marido e mulher no casamento, percebe-se que as esposas amam seus respectivos maridos, mas o modo de relacionamento é diferente.

Tomando por base este comentário, releia os dois fragmentos apresentados e demonstre que a atitude de Henriqueta diante de Jeremias é bastante diferente da que se percebe entre dona Flor e o doutor Teodoro.

No terceiro parágrafo do texto de Jorge Amado, a expressão coloquial *fode-mansinho*, que poderia assumir um sentido de ordem sensual, é na verdade utilizada como metáfora que caracteriza outro aspecto da personalidade do doutor Teodoro. Releia o parágrafo e explique o que quer dizer o narrador ao afirmar que o doutor era um *fode-mansinho*.

No fragmento da peça de Martins Pena há palavras, expressões e frases que aparecem escritas em itálico e quase sempre entre parênteses. Trata-se de um recurso formal utilizado pelos autores em textos destinados a teatro, cinema e televisão. Partindo deste comentário, releia o texto e, a seguir, explique a função que apresenta esse recurso formal no fragmento apresentado.

Na peça de Martins Pena, Jeremias e Henriqueta usam em quase todo o diálogo o tratamento de segunda pessoa do singular (tu, te, ti, contigo e verbos com flexão correspondente). Em certo momento, porém, há uma rápida troca de palavras em que os dois alteram a forma de tratamento, para em seguida voltarem ao de segunda pessoa. Localize a passagem que contém essa rápida troca de palavras e identifique a forma de tratamento que nela assumem marido e esposa.

Cheguei na beira do porto onde as ondas se 'espaia'
As 'garça' da meia-volta e senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta, que o botão de rosa caia

Ai quando eu vim da minha terra despedir da 'parentaia'
Eu entrei no Mato Grosso bem em terras Paraguaiais
Lá tinha revolução, enfrentei forte 'bataia'

A tua saudade corta como aço de 'navaia'
O coração fica 'afrito', uma bate a outra 'faia'
Os 'zoio' se enchem d'água que até a vista se 'atrapaia'

Cuitelinho

Nara Leão

Paulo Vanzolini / Antônio Xandó

LXIV

Contraste entre a vida campestre e a das cidades

Nos campos o vilão sem sustos passa,
Inquieto na corte o nobre mora;
O que é ser infeliz aquele ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça:
Aquele canta e ri; não se embaraça
Com essas coisas vãs que o mundo adora:
Este (oh cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça:
Aquele dorme em paz no chão deitado,
Este no ebúrneo leito precioso
Nutre, exaspera velador cuidado:
Triste, sai do palácio majestoso;
Se hás-de ser cortesão, mas desgraçado,
Antes ser camponês, e venturoso.

(Bocage, *Obras de Bocage*. Porto: Lello & Irmão-Editores, 1968.)



(Ciza. Tira. In: *Pagando o pato*. Porto Alegre, LP & M, 2006.)

O tema do soneto apresentado, do neoclássico português Bocage, se enquadra numa das linhas temáticas características do período literário denominado Neoclassicismo ou Arcadismo. Aponte essa linha temática, comprovando com elementos do próprio poema.

A palavra *vilão* pode apresentar diferentes significados na Língua Portuguesa, alguns bastante distintos entre si. No soneto de Bocage, a própria sequência da leitura permite descobrir, em função do contexto, o significado que assume tal palavra, empregada no primeiro verso. Releia o poema e aponte esse significado.

O soneto de Bocage se apresenta de acordo com o modelo tradicional, com versos de dez sílabas métricas (decassílabos) distribuídos em duas quadras e dois tercetos. De posse desta informação, apresente como resposta a divisão em sílabas métricas do segundo verso do poema, levando em conta que as sílabas tônicas são a terceira, a sexta, a oitava e a décima.

Na tira de Ciça, a troca de *ser* por *ter* ironiza uma das tendências do comportamento humano na sociedade moderna, altamente consumista. Isso considerado, releia a tira e o poema de Bocage e aponte em que consiste essa ironia e em que medida o soneto de Bocage representa, com mais de dois séculos de antecedência, uma das possíveis respostas a essa troca de *ser* por *ter*.